

XXXIII

QUATRO QUESTÕES DE FILOSOFIA

Determinismo e livre arbitrio

Pergunta — O futuro, de um modo geral, estará rigorosamente determinado, como parece demonstrado pelos fenomenos ditos premonitorios, ou esses fenomenos envolvem um determinismo conciliavel com os dados imediatos da consciência, sobre os quais são geralmente estabelecidas as noções de liberdade e responsabilidade individuais? E em que termos, nestes últimos casos, se exerce esse determinismo, do ponto de vista teleologico?

Resposta — Os seres da minha esfera não conhecem o futuro, nem podem interferir nas coisas que lhe pertencem. Acreditamos, todavia, que o porvir, sem estar rigorosamente determinado, está previsto nas suas linhas gerais.

Imaginai um homem que fôsse efetuar uma viagem. Todo o seu trajeto está previsto: dia de partida, caminhos, etapas, dia de chegada. Todas as atividades, contudo, no transcurso da viagem, estão afetas ao viajante, que se pode desviar ou não do roteiro traçado, segundo os ditames da sua vontade. Daí se infere que o livre arbitrio é lei irrevogavel na esfera individual, perfeitamente separavel das questões do destino, ante-

riamente preparado. Os atos premonitorios são sempre dirigidos por entidades superiores, que procuram demonstrar a verdade de que a criatura não se reduz a um complexo de oxigênio, fosfatos, etc., e que, além das percepções limitadas do homem físico, estão as faculdades superiores do homem transcendente.

O tempo e o espaço

Pergunta — O espaço e o tempo serão apenas formas viciosas do nosso intelecto, ou terão uma expressão objetiva no esquema da realidade pura? E, neste último caso, quais serão as relações fundamentais entre espaço e tempo?

Resposta — No esquema das realidades eternas e absolutas, tempo e espaço não têm expressões objetivas; se são propriamente formas viciosas do vosso intelecto, elas são precisas ao homem como expressões de controle dos fenomenos da sua existência. As figuras, em cada plano de aperfeiçoamento da vida, são correspondentes á organização através da qual o espírito se manifesta.

Espírito e matéria

Pergunta — Será ílcito considerar-se espírito e matéria como dois estados alotropicos de um só elemento primordial, de maneira a obter-se a conciliação das duas escolas perpétuamente em luta, dualista e monista, chegando-se a uma concepção unitaria do universo?

Resposta — E' lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa subs-

tancia. O ponto de interação dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos.

A ciência terrena, no estudo das vibrações, chegará a conceber a unidade de todas as fôrças físicas e psíquicas do universo. O homem, porém, terá sempre um limite nas suas investigações sobre a matéria e o movimento. Esse limite é determinado por leis sábias e justas, mas, cientificamente poderemos classificar essa ação inibitoria como oriunda da estrutura do seu olho e da insuficiência das suas faculdades sensoriais.

O princípio de unidade

Pergunta — Todos nós temos consciência dos princípios de unidade e variação, ou de universalidade e individualidade, que funcionam juntos em nosso mundo. Onde se encontra o ponto de interação, ou o lugar de reunião desses dois termos opostos?

Resposta — Se temos aí consciência dos princípios de unidade e variação, ainda aqui os observamos, sem haver descoberto o seu ponto íntimo de união.

Todavia, o princípio soberano de unidade absorve todas as variações, crendo nós que, sem perdermos a consciência individual no transcurso dos milênios, chegaremos a reunir-nos, no grande princípio da unidade, que é a perfeição.